

A EDUCAÇÃO E SUA INSERÇÃO NO MUNDO ECONÔMICO A PARTIR DA ESCOLARIZAÇÃO

Data de aceite: 01/07/2024

Uilson Melo Barbosa Monteiro

Licenciado em Filosofia; Licenciado em História; Bacharel em Teologia; Especialista em Ética e Filosofia Política; Especialista em Políticas Públicas da Educação e Mestre em Educação

No presente artigo objetiva-se discutir os papéis da escola, a saber, o de escolarização e da educação. Faz-se isso, apresentando argumentos que destacam a diferença entre os dois referidos processos, ao passo que sinaliza-se que na escola hoje não se materializa a educação. Para tal, associamos essa discussão a necessidade de reflexão sobre os processos formativos docentes, e à guisa de provocações, apresenta-se um modelo que pode ser viável para aproximar a escola da missão de educar, pautado na Paidéia grega e na pedagogia freiriana. Percebe-se, que estamos tentando fazer educação em instituições de ensino, isso por si só já seria um equívoco. As instituições de ensino nascem para fazer escolarização e não educação. Só se pode pensar em

educação fora da institucionalização, quando institucionaliza pode-se fazer tudo, menos educar. Neste sentido, por uma questão de gêneses, os nossos espaços ditos como “escolas”, não se pode educar, apenas escolarizar. Partindo do princípio que a medida da nossa humanidade perpassa pelo crível do pensamento, da reflexão e da racionalização, parafraseando Sartre, o que difere o homem das coisas é a liberdade, o homem não é nada além das suas escolhas, a vida vivida à luz da “consciência”, enquanto que a escolarização é incapaz de gerar criticidade, pois a mesma nasce com fim preestabelecido. Materialidade e resultado. Conclui-se, que a nossa humanidade se constrói mediante o conhecimento. Destarte, educação é vida, escolarização é decadência. A escolarização limita a educação à técnica, sepulta o nosso antepassado e conseqüentemente assassina a literatura educacional herdados dos povos gregos. É pobreza sem tamanha, tornar os centros educacionais à instituições. A escolarização é o escarnio

da “educação”, a educação não subsiste diante da escolarização, pois são antagônicas. Quando “profissionalizamos” a educação decretamos sua morte. A profissionalização do sujeito é resultado, não meio.

Vivemos a era da escolarização, da escola líquida, para usar o termo do sociólogo Zygmunt Bauman (2000). A escola do nosso século faz tudo, menos educa. Mas o que é educar? Platão diz que é fazer com Arete¹, ou seja, fazer com excelência e perfeição. É suspender a educação do tempo, é livrar-se da cronologia. Estamos no século XXI, aparentemente fizemos tudo para se ter uma boa educação, o celular foi inserido como item necessário para aprendizagem, agora estamos criando escolas sem celular, para aprendermos escrever.

Para que se possa efetivar uma verdadeira educação é necessária implementação de estratégias políticas consistentes, coerentes e contínuas de formação inicial e continuada dos professores, e uma vez melhorando as suas condições de trabalho, de carreira e de remuneração, abre-se um caminho para a construção de uma possível educação. Não obstante, não é suficiente apenas isso, precisa-se desses passos para pensarmos em educação nas suas bases à luz da Paideia Grega², como política de sociedade e organização e posteriormente resgatado pelo grande cidadão, pensador, pesquisar e intelectual brasileiro Paulo Freire. É, pois, numa perspectiva social e de competência técnica e política do trabalho docente que entendemos a prospecção das ações para o novo Plano Nacional de Educação. Tal perspectiva de constituição do trabalho docente, relaciona-se ao movimento pela democratização da sociedade, que foi especialmente retomado por estudos e discursos políticos no início da década de 1980, momento da gradativa ampliação do novo modelo socioeconômico e político da era global. (Scheibe, 2010, p.987). Com a escolarização da Educação, o indivíduo resumiu a um “programa da indústria cibernética”, tornou-se instrumento técnico, com finalidade e programação exclusiva.

Segundo o Plano Nacional de Educação, no Brasil (2014) existem ainda muitos professores que não possuem licenciatura na sua área de conhecimento, ou até curso superior. A Meta 15 do PNE, em vigor desde 2014, determina que todos os professores da Educação Básica, deverão possuir formação superior correspondente à sua área de atuação, até o ano de 2024. Dos 2,2 milhões de docentes que atuam na Educação Básica do país, aproximadamente 24% não possuem formação de nível superior (Censo Escolar de 2015). Após 2006, prazo dado às redes públicas e privadas para cumprir a obrigatoriedade do diploma de nível superior para os docentes (LDB/1996), somente os já formados puderam participar de concursos, mas os indicadores só refletem o fato a partir de 2010. Daquele ano até 2015, o número de diplomados cresceu quase 10 pontos percentuais (68,9%, em 2010, a 76,4%, em 2015). Vale ressaltar que os dados por região mostram grande disparidade entre o Norte e o Nordeste, onde há menos docentes com

1 Sabedoria.

2 Primeiro manuscrito sobre educação do mundo ocidental.

formação adequada, e as outras regiões do Brasil. Boa parte dos professores da Educação Infantil ainda não tem magistério nem curso superior (em 2014, eram 15,3%, segundo o INEP). (PNE, 2017, p.1) Contudo, a educação para ser prioridade na vida do educador, deve primeiro entrar na lista de prioridades da gestão educacional, onde o ponto de partida possa contemplar as universidades, tendo em vista que a proposta curricular que é oferecido nos cursos muitas vezes não contemplam a realidade do profissional na sala de aula. Nesse ínterim, O atual enquadramento legal da formação de professores, a partir da LDB/1996, traz pressupostos e orientações para a organização e desenvolvimento dos cursos de licenciatura que rompem com uma tradição iniciada no país em 1934, quando foram criados os primeiros cursos superiores de formação de professores, por meio do modelo denominado de “3 + 1” (três anos de conteúdos específicos da respectiva área do conhecimento e um das chamadas disciplinas pedagógicas). Esta concepção encontra-se ainda impregnada nos processos de formação de professores, com base na crença de que se esgota no domínio de conteúdos específicos da disciplina que o professor irá lecionar. Os professores envolvidos com a formação pedagógica dos futuros docentes convivem com a insatisfação e com a compreensão de que não basta a superposição de conteúdos pedagógicos para uma formação, na qual a prática educativa deve fundamentar o processo de formação docente. (Scheibe, 2010, p.989).

O Plano Nacional de Educação vem em seu documento de 2014, propor metas a serem cumpridas até o ano de 2024. Para isso, o PNE listou estratégias que visam: o regime de colaboração; implantação de programas específicos de formação; qualificação dos profissionais de ensino; formação docente para a educação profissional; financiamento estudantil; reforma curricular das licenciaturas, formação inicial, iniciação a docência, avaliação dos cursos de licenciaturas nas Universidades; formação continuada; plataforma eletrônica; estágios e bolsas de estudos.

Após nove anos da meta 15 do PNE, acredita-se que o problema não é mais ter um curso superior, e sim, como esse curso foi trabalhado, principalmente, nas instituições privadas e à distância. Vale ressaltar que educação sem escolarização requer além dos elementos anteriormente mencionado, uma política econômica diferente daquilo que por hora temos como organização monetária e uma nova cultura e compressão de educação, para isso, precisamos voltar às bases, ou melhor, voltar à Paidéia Grega e a Paulo Freire. Voltar à ideia da Arete do bem fazer, do fazer com perfeição. A escola é o reflexo da sociedade do nosso tempo, a escola é um Raio-X das organizações sociais e familiares, é um processo aquecido de transformações ditas como valores: respeito e relações interpessoais. Só para ilustrar, não basta substituir o nome Favela por Comunidade, ou seja, não basta está na escola, é preciso perguntar como Brasil, que sociedade quer-se construir, para responder qual escola necessitamos. Não sabemos qual sociedade almejamos como saber que modelo de escola se adequa a essa sociedade que estamos a construir?

Partindo do princípio que a humanização do sujeito perpassa pelo crível da educação e não da escolarização, se faz necessário, recriar, reavaliar e adentrar nas origens do conceito para redescobrimos o que é de fato educação. Um dos princípios para a busca é a razão, sem ela não construímos o império que desejamos a implantação de uma sociedade lúcida e coerente. Parafrazeando Buarque e contrapondo o nível mais alto da consciência animal, é válido perguntar, que é o do homem? Contrapõem-se na dúvida e na audácia da razão. Os outros animais, também dotados de alguma inteligência, contemplam o mundo, mas não sabendo da morte dispensam os deuses, não se alimentam do mito e prescindem das equações. Os homens, não. Em tempo qualquer, eles descobriram a morte e, ao descobri-la, descobriram a vida. Neste aspeto, a “nova escola” deve ser muito mais que a criação de uma nova intuição, antes, a volta de uma pedagogia capaz de abarcar a verdadeira realidade da educação. Com isso, cabe a pergunta: A Educação é realmente a saída para a construção de uma sociedade onde possa adentrar a sua própria natureza de ser? A literatura grega e a história nos levam a crer que sim, para fazer memória, basta pensar na alegoria da caverna de Platão, um estado de ignorância, privado da possibilidade de ver o mundo diverso e plural.

A Educação na sua supracência permite o indivíduo miscigenar suas respostas e seus olhares como diz Bachelard (1989), “o imaginário é um dinamismo próprio que possibilita a organização cognitiva do mundo”. Ou seja, uma construção com uma diversidade de enunciados. É neste aspecto que precisamos reconstruir a escola, voltar para a escola à educação traduzida em uma casa, onde possa fazer com que aqueles e aquelas vivam este “mistério” de brincar com as letras e possibilite o certo se tornar incerto, a verdade se tornar inverdade em outras palavras, possibilitando que o indivíduo nem que por alguns segundos, viva sem verdade, coisa que a escola atual não o faz, pois ela lida com pré-conceito e o pior de tudo, não chega ao pós-conceito. Assim, a educação seria o processo onde o sujeito usando deste modelo pedagógico, desvendaria suas potencialidades e se distribuiria pelas diversas classes de serviços. Precisamos retomar a época clássica, tomar o pensamento dualista platônico no que tange conhecimento e virtude. Por exemplo, o comportamento moral é aquele que possibilita o indivíduo a crescer como diz Dewey (1978), e crescer é realizar-se de modo completo e abranger suas qualidades e potencialidades. Não esquecendo que o lugar para se viver e expor as potencialidades é no convívio social e na relação com o outro. É na relação interpessoal que se desenha pluralidade e diversidade de mundo e de pessoas. Deste modo, quando aquele que transitou entre o conhecimento e a “virtude” cresce, tanto quanto todos os demais da sociedade crescem. É neste aspecto que a educação no sentido amplo, assume sua verdadeira identidade que é aquela de fazer com que o homem seja conduzido pelas diversas esferas da vida tanto no conhecimento técnico quanto na formação humana psíquica e social. A educação vivendo esta dinâmica deixa de ser um simples instrumento de “poder” e passa a ser um instrumento coletivo onde toda a sociedade é amplamente beneficiada. Por exemplo, quando alguém escreve

um livro o autor enriqueceu todos com investigação, pesquisa, conhecimento e cultura. O dinheiro usado para comprar o livro é irrisório diante do que está entre as capas. É neste aspecto que a cultura da educação precisa ser alavancada, capaz de fazer com que os indivíduos que constroem a sociedade, possam amplamente ser sinais significativos na construção e transformação da mesma, não basta apertar o parafuso é preciso perguntar como foi feito, onde foi feito, quais os componentes químicos usados, criar conhecimento para além da realidade tangível.

A educação tem o poder de transformar a vida do indivíduo em todas as suas dimensões. Porém, esbarramos diante da grande dificuldade no que tange uma verdadeira educação. Pois, nem todos aqueles que possuem curso superior ou passou anos ocupando os bancos da Escola de fato foram educados. Muitas das vezes foi escolarizado. Obteve formação técnica para o exercício da profissão, mas jamais educado. Neste sentido, é se perguntar se o modelo educativo tem ofertado uma verdadeira educação baseada na educação clássica onde o indivíduo era alcançado não somente pela técnica, mas pela “arete”, pela sabedoria grega, sabedoria esta capaz de integrar o sujeito numa dimensão ao ponto de abarcar toda sua complexidade como tal. O surgimento de estabelecimentos de ensino, aumento numérico de pessoas na escola e a diminuição da taxa de analfabetismo em síntese não significa muita coisa. Segundo o Pensador Nietzsche, é apenas uma forma do mundo moderno dogmatizar a economia e a política, onde há objetivo escondido, ou melhor, não se almeja uma sociedade com sujeitos pensantes e com destaques, mas a criação de uma sociedade feita de homens comuns, com objetivos claros de criar uma sociedade movida pela utilidade e pelo dinheiro. (Nietzsche, 2004, p.3) Alimenta ainda o desejo da sociedade em não terem sujeitos pensantes, é uma atitude ignorante e mesquinha passar anos sendo escolarizado e não sendo educado com objetivo de atender a demanda de produção e de mercado. A educação não pode ser “útil”, ao contrário, ela só pode ser plena e completa na “inutilidade”: a criança não pode entrar na escola às 07h30min e sair às 17h30min por que os pais precisam trabalhar, elas podem e devem cumprir esse horário se for comprovado cientificamente que esse horário colabora com sua aprendizagem. Em síntese, preparar pessoas que esteja à disposição da comercialização, tendo em vista a propriedade e o lucro. Diz Nietzsche: “a cultura não pode se reproduzir e crescer quando a educação está orientada para uma profissão, um cargo, quando é movido pelo “espírito utilitário”, quando é verificada através de exames obrigatórios e integradores, quando é extensiva e universalizada”. (Nietzsche, 2004, p.11) Neste sentido, estamos aquém de proposta educativa que seja capaz de buscar o homem no seu cerne, política de educação movida por espírito cultural desagregados de interesses, movido pelo espírito de transformação, capaz de agregar diversidade e pluralidade. Quando se trata de educação não se pode falar em finalidade, a educação em si mesma traduz aquilo que almejamos. A busca pela humanização do sujeito deve ser a grande tarefa da educação, fazer com que o sujeito mergulhe num oceano profundo, permitindo beber de uma verdadeira cultura para

ser um verdadeiro humano, no aspecto mais profundo da palavra. Não que o indivíduo não possa ser remunerado pela capacidade profissional adquirida com os anos, o que não pode é limitar-se.

Formar para “que” e não para “ser”. É inerente a “formação” se preocupar mais com a técnica, um preparo profissional que leve a realizar atividades. Formação desacompanhada de educação, em sentido amplo, desde o tempo clássico, era questionado por aqueles que nos antecederam. Os sofistas, por exemplo, ensinavam os jovens gregos a arte da retórica, da fala, do convencimento como instrumento de poder sobre alguma coisa ou sobre o outro, tendo como finalidade prevalecer os interesses individuais e de classes. Afirmava-se, que cada homem via o mundo ao seu modo e que não era possível uma ciência autêntica, de caráter objetivo e universalmente válido. Assim, quando o vento sopra cada um sente ao seu modo. Neste sentido, a bandeira dos sofistas era levantada para afirmar que não há verdade absoluta. O aspecto relevante pregado pelos sofistas no que se refere a “educação” é a felicidade e o triunfo alcançado pelo sujeito. A educação naquele momento não era considerada um direito daquele e daquela que pertencia à região geográfica da Grécia Antiga, mas, era por meio dela, que os homens tornavam melhores e felizes, segundo Platão. O pensamento socrático deu grande contribuição avançando na reflexão e apresentando um novo rosto de homem e de universo. O filósofo afirmava que a busca pelo conhecimento seria alcançada mediante a razão e a educação. A verdade, o absoluto. Aquilo que se julga bom, deve ser aprovado por todos e não por alguns. Dessa forma, a ciência deve ter caráter universalista distanciando do achismo, ou de uma vaga ideia pensada ou refletida com um único ponto de reflexão. Destarte, a educação é este elemento singular na vida do sujeito, um processo capaz de nos tirar de uma condição de ignorância, não pela força. Enquanto que a técnica amputa, limita, reduz a uma única maneira de ser, pensar e agir. A técnica é excludente, pois o indivíduo não pode “ser”, no aspecto do “dever”, do vir a ser. Ao contrário, limita o homem a uma única perspectiva de Ser, e, além do mais, não permite Ser como possibilidade de si tornar. Enquanto a técnica tem como meta produzir, avançar, enquadrar, a educação pergunta, questiona possibilita e permite ver o mundo para além daquilo que se revela e se estampa nos livrando do perigo das aparências: como diz Descartes. “A aparência pode nos enganar”. Somente a educação pode gerar um mundo onde o “absoluto”, o “real”, a “verdade”, seja útil e bom para “Si” e para a “Polis”.

Vale ressaltar que os cursos de licenciaturas no Brasil, como bem sabemos, cresceram de modo acerbado na última década. Porém, vale a pena questionar se este aumento está no campo quantitativo e qualitativo. No Brasil como no mundo, a segunda metade do século XX foi marcada por uma expansão sem precedentes da demanda e da oferta de cursos de educação superior, ligadas tanto à valorização do saber acadêmico atrelado ao mercado de trabalho, quanto ao crescimento da importância da pesquisa acadêmica, como necessidade do mundo globalizado e científico. (MEC, 2014, p.19) A

partir deste cenário que nos encontramos é exigindo de modo substancial que as gerações se abram para uma nova realidade educacional e econômica. Esta exigência não é somente brasileira, a necessidade e a readaptação praticamente em todos os campos é uma necessidade planetária. Porém, não significa afirmar que os diferentes cenários mantêm o mesmo ritmo de mudanças ou transformações educacionais, pois cada País tem um ritmo, metas e aquilo dito como emergente. Neste sentido, a universalização do ensino e todas as atenuantes para uma verdadeira educação pode ser universal, ou melhor, deve ser universal, porém a maneira usada para tal caminho é devidamente particular. O que de fato, é importante e indiscutível é que a educação não é e não pode ser um simples indicativo de um imperativo econômico correspondente a sociedade do conhecimento ou da informação. A educação é também um referencial político permeado de justiça, emancipação e democracia. A educação passa a ser encarada como princípio determinante da reversão da pobreza estrutural e o único fator que pode ser verdadeiramente responsável para vencer o “círculo de ferro da exclusão”, formulado com base na asserção, evidente que, de outro modo, a pobreza socializa inevitavelmente para a continuação da pobreza. (Carnerio, 1995, p.2) Partido desse aspecto, tem crescido com o avanço do capitalismo em várias culturas que atuam na composição das diversas identidades dos indivíduos uma aspiração, um projeto de expectativa e de um desejo com capacidade de projetar simbolicamente as pessoas para um futuro, mesmo que este futuro esteja em aberto. A “educação” tem encontrado solo fértil e encontrado centralidade quando se trata da passagem do modelo de desenvolvimento industrial para o modelo de desenvolvimento informal o que nos permite afirmar que há uma precedência nas transformações nas dimensões políticas, econômica, política, social e cultural das sociedades. Deste modo, abriu-se a possibilidade de produzir, interpretar, articular e relacionar as cadeias produtivas encontrando estratégias nos setores de produtividade o que nos permite dizer que a razoabilidade para uns países crescerem e se destacarem está na capacidade de inovação e produção. Os países que na contemporaneidade se destacam em relação aos demais, permitida geração de ciências e tecnologia na produção de bens e serviços foram aqueles que se afugentaram da ideia clássica da técnica para de uma educação intercontinental. A educação é esta mola propulsora capaz de alavancar todas as esferas da sociedade. Com educação os países são capazes de transformar todas as dimensões que engloba as facetas da antropologia. Neste sentido, o segredo está em não transformar a educação em um fim, mas em um meio para chegarmos onde quisermos e como quisermos. En forma resumida estos discursos mencionan que sólo a través de la elevación de la calificación de los recursos humanos será posible acompañar los incrementos en la productividad y la competitividad de las empresas y, de esta manera, aumentar los ingresos de la población trabajadora. (Carrilo, 2000, p.195). O universo educativo é largo e com inúmeras possibilidades de modo imediato e a longo prazo. Quando o indivíduo conclui certa etapa de ensino e se tona “profissional”, não significa que está pronto. O conhecimento é infinito e requer uma

continuidade nos processos, abrindo caminhos para a roda das diversas esferas estarem em constante movimento gerando tecnologias, investimentos, pesquisas e respostas para diversos fins como saúde e outros. . Neste sentido, sem educação é impossível tecer o cosmo, manter as espécies e cuidarmos do nosso Planeta. Nessa ordem, a educação gera técnica, técnica gera educação e a educação e a técnica move a humanidade.

REFERÊNCIAS

Bachelard, G.(1989). **A chama de uma vela**. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bauman, Z. (2001). **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar.

Carnerio, R.(1995). **A evolução econômica e do emprego**. Novos desafios para os sistemas educativos no dealbar do século XXI. Texto de curso de Verão, 1995. Portugal. [Em linha]. Disponível em: [Consultado em 07/03/2024].

Carrilo, J.; Iranzo, C.(2000). Calificación y Competencias Laborales en la América Latina. In: **Tratado Latino Americano de Sociología del Trabajo**. Coord. Toledo, Enrique de la Garza. México: El Colégio de México / Facultad latino americana de Ciencias Sociales / Universidad Autónoma Metropolitana / Fondo de Cultura Económica.

Dewey, J. (1978). **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional.

Friedrich Nietzsche. (2004). **Escritos sobre educação**: conferências sobre os nossos estabelecimentos de ensino. III Consideração intempestiva: Schopenhauer educador. Tradução Noeli Correa de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola/PUC.

MEC. (2014). **A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014**. [Em linha]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2014-pdf/16762-balanco-social-sesu-2003-2014>>. [Consultado em 10/10/2017].

PNE. (2017). **Metas do PNE. Observatório do PNE**. Disponível em:<<http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/15-formacao-professores/indicadores>>. [Consultado em: 04/01/2018].

Rene Descartes. (1979). **Meditações**. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Col. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural.

Scheibe, L.(2010). **Valorização E Formação Dos Professores Para A Educação Básica**: Questões Desafiadoras Para Um Novo Plano Nacional De Educação. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul.-set. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/17.pdf>>[Consultado em: 10/11/2017].